

Nem "imbrochável", nem engraçado: uma análise do uso antidemocrático do humor nos discursos misóginos do ex-presidente Bolsonaro

Daniel Kei Namise¹

Carla Rizzotto²

Ao longo dos anos, Bolsonaro construiu um imaginário em torno de si através de seu discurso de ódio travestido de humor. Por meio de "brincadeiras" homofóbicas e misóginas, ele humilha aqueles que considera inferiores, como mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+, numa tentativa de manter a assimetria entre gêneros e sexualidades. Partindo deste contexto, este artigo tem como objetivo compreender as estruturas de dominação presentes nas supostas brincadeiras misóginas do ex-presidente, discutindo como o humor derogatório empregado por ele funciona como uma estratégia política de legitimação de arranjos sociais excludentes. Para alcançar esse objetivo, analisamos, utilizando o método sócio-cognitivo de Van Dijk (2018), seis falas misóginas e/ou homofóbicas de Bolsonaro proferidas durante seu mandato na presidência da República. Os resultados revelam que o humor reafirma uma posição de dominação social e cultural masculina, contribuindo diretamente para a manutenção e legitimação dos privilégios de homens brancos heterossexuais na sociedade brasileira. Além disso, foi possível averiguar que os elementos presentes em tais piadas dialogam com as ações do governo, dessa forma, o humor bolsonarista ajuda a construir retoricamente as estruturas de dominação em que a sociedade contemporânea está imersa.

Palavras-Chave: Comunicação política. Bolsonaro. Humor.

Over the years, Bolsonaro has built an imaginary world around himself through his hate speech disguised as humor. Through homophobic and misogynistic "jokes," he humiliates those he considers inferior, such as women and members of the LGBTQIA+ community, in an attempt to maintain the asymmetry between genders and sexualities. Based on this context, this article aims to understand the structures of domination present in Bolsonaro's supposed misogynistic jokes, discussing how the derogatory humor employed by him functions as a political strategy to legitimize exclusionary social arrangements. To achieve this goal, we analyzed, using Van Dijk's (2018) socio-cognitive method, six misogynistic and/or homophobic statements made by Bolsonaro during his presidency. The results reveal that humor reaffirms a position of male social and cultural domination, directly contributing to the maintenance and legitimation of the privileges of white heterosexual men in Brazilian society. In addition, it was possible to verify that the elements present in such jokes are in dialogue with the actions of the government; thus, Bolsonaro's humor helps rhetorically construct the structures of domination in which contemporary society is immersed.

Keywords: Political communication. Bolsonaro. Humor.

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Política da Universidade Federal do Paraná. Integrante do Grupo de Pesquisa e Comunicação e Participação Política (Compa).

2 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Participação Política (Compa).

Introdução

“Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”. Essa fala foi proferida, aos risos, por Jair Bolsonaro em 2020, se referindo à jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello. Qual é o sentido do riso empregado aqui? A razão pela qual rimos é uma questão que tem sido explorada por pensadores de diferentes áreas do conhecimento, como psicanálise, filosofia, comunicação, neurociência, entre outras. Freud (2017) afirmava que rir seria uma forma de alívio momentâneo, uma vez que utilizamos uma grande quantidade de energia para a manutenção de certas inibições. Então, quando rimos ou contamos uma piada, relaxamos “tal repressão superegóica, poupamos o esforço inconsciente que ela demanda” (EAGLETON, 2020, p. 20).

Bergson (2021), por sua vez, afirmou que o riso só surge quando há ausência da sensibilidade, ou seja, “ao fazer o humor, o autor (da piada) passa a preocupar-se menos com o outro” (FIGUEIREDO, 2012, p. 176), pois a piada irá inevitavelmente ferir seu objeto de riso. Bergson não é o único que pensava dessa forma, Hobbes (2014), por exemplo, conclui que rir é uma ação egoísta causada por um sentimento de superioridade que surge quando vemos que o objeto da piada está em uma situação pior que a nossa.

O riso provocado por tal sentimento já havia sido observado desde a Antiguidade. Platão via o riso como uma forma de humilhar aqueles que invejamos, e Aristóteles o compreendia como uma demonstração de desprezo pelo outro. Autores como Wolff e seus colegas (1934) apontam que tal visão acerca do humor e riso ajudaria a explicar a existência das piadas de cunho racista, xenofóbicas, machistas etc., pois aqueles que se divertem com a piada veriam o objeto da piada como inferior a eles. Essa perspectiva permite encarar o humor como instrumento de dominação, pois ao fazer piadas com grupos socialmente vulneráveis, ao invés de submetê-los a uma dominação física, um comportamento que seria socialmente inaceitável, o indivíduo buscaria reforçar sua posição de domínio por meio do humor, que seria uma

forma de domínio mais aceitável e mascararia o sentimento de superioridade em relação ao outro (FIGUEIREDO, 2012).

Como Viveiros (2014) aponta, o uso desse tipo de humor é perceptível na geração atual de humoristas, como Rafinha Bastos e Danilo Gentili, que utilizam a comédia para justificarem suas piadas que zombam de pessoas portadoras de deficiência, vítimas de estupro, entre outras. Eles usam o argumento do humor politicamente incorreto para blindarem suas posições reacionárias. Porém, não são só humoristas que têm utilizado tal justificativa para expor suas opiniões. Políticos reacionários também passaram a adotar defesa semelhante quando questionados sobre determinadas falas. Um exemplo disso é Bolsonaro. Sua carreira política é marcada por diversas declarações que são uma mistura de discurso de ódio e humor de extremo mau gosto.

Com base nas contribuições de Billing (2001) e Weaver (2011), pode-se afirmar que o humor é uma forma de expressão que reflete os comportamentos e pensamentos ideológicos de determinados grupos sociais. Nesse sentido, uma declaração humorística pode servir como veículo de ideias que buscam reiterar uma posição de dominação. No caso específico do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, é possível identificar que mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+ são alvos frequentes de suas piadas, o que pode ser interpretado como uma expressão de misoginia e homofobia. No entanto, essas falas preconceituosas e problemáticas também fazem parte de uma lógica mais ampla, na qual se busca restabelecer um padrão ideal de homem extremamente viril.

De acordo com Finchelstein (2019), tal conceito comporta o ideal de força e virtude, correspondendo àquele que possui coragem, força física e vigor, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais. Esse padrão de masculinidade é frequentemente associado a ideias de poder e superioridade, e pode ser considerado uma forma de manutenção do *status quo*. Assim, as declarações de Bolsonaro fazem parte de um conjunto de práticas e discursos que visam perpetuar um modelo de masculinidade hegemônica e excludente.

Com base nisso, esse artigo busca compreender as estruturas de dominação presentes nas declarações misóginas e homofóbicas travestidas de piadas do ex-

presidente, discutindo como o humor derogatório empregado por ele funciona como uma estratégia política de legitimação de arranjos sociais excludentes. Isso porque, ao reproduzir de forma pejorativa grupos historicamente oprimidos, piadas e brincadeiras derogatórias reforçam o sentimento e a crença sobre os membros desses segmentos não serem atores sociais competentes, desqualificando-os para uma participação social, cultural e política mais ampla (MOREIRA, 2020).

Para alcançar esse objetivo, analisamos seis falas misóginas e/ou homofóbicas de Bolsonaro proferidas durante seu mandato na presidência da República. Os seguintes critérios de seleção foram adotados: 1) declarações feitas durante seus anos à frente da presidência da República; 2) noticiadas pela mídia tradicional e 3) com remissão por parte de Bolsonaro, alegando ter sido uma brincadeira ou piada. Os discursos não foram analisados no todo, mas somente os trechos citados nas notícias, pois, de acordo com Lago (2018), os discursos de Bolsonaro não apresentam um raciocínio contínuo ou bem-formulado, pelo contrário, o que se tem são mensagens curtas e desconexas com informações fragmentadas.

Optamos por realizar uma análise do discurso com base no método sociocognitivo de Van Dijk, uma vez que esse método permite direcionar o olhar para as produções ideológicas e sociais presentes nos discursos. Conforme Van Dijk (2018), é importante considerar uma interface cognitiva que serve de ponte entre os aspectos sociais e o discurso, de modo que sua abordagem trabalha com uma estrutura triangular analítica que envolve o discurso, a cognição e a sociedade. Para Van Dijk (2018), considerar os aspectos cognitivos do discurso é fundamental, uma vez que, se a situação social determinasse por si só as estruturas dos discursos, todos produziriam interpretações semelhantes. Entretanto, as variações individuais são influenciadas pela interferência a partir das diferentes interfaces cognitivas. Nesse sentido, a análise do discurso visa identificar estruturas discursivas que se repitam, tais como estilo e figuras de linguagem e as mensagens ideológicas presentes. Além de avaliar os sentidos criados nesses discursos, também foi analisado como eles dialogam com as ações de governo e os possíveis efeitos performativos dessas falas. Butler (2009) destaca que a linguagem, quando repetida, tem efeitos sobre a realidade, podendo transformar ou produzir uma situação. A performatividade, através

da linguagem, é transposta como um ritual capaz de naturalizar ideias, manter e impor normas. Antes de iniciar a análise dos discursos de Bolsonaro, é importante abordar o contexto da virilidade presente em suas falas, bem como a forma como o humor se manifesta nessas "piadas".

1. O QUE SIGNIFICA SER "MACHO" DE VERDADE

Durante os séculos, a virilidade se estabeleceu como um padrão normativo para a masculinidade, contribuindo para a homogeneização dos papéis de gênero e da sexualidade masculina ocidental (COURTINE, 2013), de modo que esse conceito se tornou um meio de legitimar e naturalizar os privilégios e o status social masculino (COURTINE, 2013; BONFIM, 2020). Esse modelo comportamental se traduz na figura de um homem extremamente viril, que inclui a coragem, força física e vigor, e que exerce dominação nas relações sociais, territoriais e sexuais (BONFIM, 2021, p.10). O homem que se encaixava nesse padrão viril era visto como um bom líder, enquanto aqueles que não se adequavam eram relegados a posições de subserviência (NASCIMENTO, 2021; YUKAWA DA SILVA, 2020). Para Courtine (2013), a virilidade sempre foi uma estratégia utilizada pelos homens para manter seu status hierárquico, através do exercício da agressividade e da dominação, que são traduzidos na exploração econômica e política.

No século XIX, a ideia de masculinidade viril começou a ser questionada devido ao avanço do feminismo, revoluções tecnológicas e guerras mundiais (COURTINE, 2013). Os conflitos bélicos levaram os homens a questionarem sua coragem e sua suposta invulnerabilidade masculina, pois passaram a ter que lidar com o medo constante da morte (BONFIM, 2021; NASCIMENTO, 2021). Além disso, no mundo moderno as profissões mais valorizadas não dependem de seu vigor e podem ser exercidas e tão bem desempenhadas por mulheres (GAZALÉ, 2019), isso afeta a posição de superioridade do homem viril, uma vez que ele detinha os recursos do saber e a força física decorrente de seu trabalho. "Muitos homens sentem sua posição de virilidade abalada, tendo em vista que o marcador de produção e administração de riquezas foi localizado historicamente do lado deles" (BONFIM, 2020, p. 12).

A crise cultural em torno da virilidade levou a uma redefinição das identidades sexuais e formas de dominação masculina. Muitos homens sentem sua posição de superioridade ameaçada e têm dificuldade em aceitar a nova realidade, o que levou à ascensão de figuras machistas e conservadoras que propagam o ódio contra mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+ (COURTINE, 2020). É interessante notar que esse ressentimento, utilizando o conceito nietzschiano³, contra minorias surge também da incapacidade de atender a todas as expectativas do que é ser um homem viril. Se o indivíduo carrega consigo "esse ideal a qualquer preço, ele também leva em sua sombra o temor da vulnerabilidade corporal, sexual e moral" (BONFIM, 2020, p. 11). Então, esses homens passam a enxergar feministas e homossexuais como inimigos que devem ser combatidos, responsabilizando-os por seus problemas pessoais e sociais. E é nesse contexto que se inserem as brincadeiras/piadas de Bolsonaro analisadas neste artigo, em que o humor é utilizado como válvula de escape por grupos de homens ressentidos pela própria impotência e amargura (AVELAR, 2021).

2. HUMOR É COISA SÉRIA

Antes de proceder com a análise das estruturas textuais dos discursos que fazem parte do nosso corpus de pesquisa, é importante discutir como o elemento do humor se manifesta nas falas de Bolsonaro. Segundo Legman (1971), o humor é um evento cultural de um determinado grupo, ou seja, ele é culturalmente específico, as piadas e brincadeiras só são engraçadas porque possuem significados culturais nos meios em que o humor se manifesta. Já se estabeleceu que as "piadas" de Bolsonaro são marcadas por uma lógica de virilidade, em que o riso provocado por suas falas é fruto de um sentimento de superioridade em relação a determinados grupos minoritários.

Porém, o humor na política não serve só para provocar o riso, pelo contrário, ela pode apresentar diversos efeitos dependendo da forma como é empregada

³ O ressentimento para Nietzsche seria uma força reativa que impede o indivíduo de externalizar seus impulsos vitais. Ele surge a partir de uma postura vingativa direcionada a alguém ou a algo que se considera culpado por aquilo que carece. Nesse sentido, o desejo de vingança tem natureza narcotizante, pois impede que o indivíduo tenha consciência que o sofrimento que sente é causado por ele próprio (PINTO, 2019).

(MEYER, 2004), e por isso é necessário discutir o que está por trás das expressões humorísticas de Bolsonaro. No cenário político, o humor não é uma novidade, é um instrumento de luta que foi utilizado ao longo da história para contestar o poder daqueles que oprimem (MINOIS, 2003). Através do humor, é possível criar uma ação que simplifica a realidade vivida, permitindo que se explorem as estruturas sociais em que se está inserido, para que a partir disso possam ser questionadas. Por isso, é possível dizer que o humor possui um caráter transgressor, pois, ao transgredir uma norma já institucionalizada ou naturalizada, o indivíduo a torna visível, permitindo que ela possa ser questionada e confrontada (JENKS, 2003).

O poder aprendeu a conviver com piadas e brincadeiras porque a zombaria é vista como uma ameaça a ele. No entanto, a transgressão humorística se tornou uma maneira para figuras reacionárias reafirmarem suas posições de dominação diante das mudanças sociais ocorridas nas décadas pós-Guerra (AVELAR, 2021). A adoção de uma visão política mais liberal permitiu que membros de grupos minoritários tivessem acesso a espaços que antes lhes eram negados, o que promoveu uma mudança na ordem social (NORRIS; INGLEHART, 2019). Em contrapartida, muitos se sentiram ameaçados por essas mudanças, principalmente aqueles que pertenciam a uma antiga maioria cultural, o que levou à intensificação de discursos que transgridem os direitos humanos.

Muitos apoiadores desse tipo de discurso são pessoas que se sentem oprimidas por serem heterossexuais, brancas e de classe média no Brasil e aderem ao humor “politicamente incorreto” como forma de negar e romper com a agenda das minorias por reconhecimento e busca por melhores oportunidades estabelecida nos governos petistas (OLIVEIRA; MAIA, 2022; DI CARLO; KAMRADT, 2018; SANTANA; LEAL, 2019). Bolsonaro sempre se posicionou como defensor de um discurso politicamente incorreto, propagando através de suas piadas e brincadeiras a ideia de que as minorias deveriam se submeter à ordem da maioria (SARGENTINI; CHIARI, 2019).

Entretanto, como o humor, no geral, possui uma natureza benigna (BILLING, 2001), os impactos psicológicos e as significações sociais negativas que o humor depreciativo pode ter acabam por ser minimizados (MOREIRA, 2020). Por isso a

justificativa de que falas preconceituosas e problemáticas não passam de peças de humor é um recurso tão valorizado por figuras da extrema direita (ROMANO, 2017). Ao mesmo tempo, o que se tem com ela é uma reelaboração dos quadros, em que o ofensor passa à condição de vítima, e aqueles que reprovam suas falas são vistos como os verdadeiros intolerantes (GRUDA, 2014).

Por mais que a convivência democrática seja antagônica, ela é sustentada pelo respeito a regras implícitas e explícitas (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Ao utilizar o humor para atacar e insultar seus oponentes, Bolsonaro rompe com a política das diferenças, que sustenta a democracia moderna (CHOI; MURPHY, 1992), tornando a convivência violenta (OLIVEIRA; MAIA, 2021).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADO

Como dito anteriormente, o humor é um evento cultural, mas isso não basta para explicar o riso dos interlocutores de Bolsonaro. De acordo com Capelotti (2022), o papel que o emissor assume é essencial na negociação do que pode ser considerado engraçado ou não. Algumas figuras, ao se apresentarem como bobos, têm a licença para transgredir, sendo permitindo-lhes tratar certos assuntos com humor e ironia. Nesse sentido, a análise cenográfica realizada por Freitas, Antunes e Boaventura (2022) aponta que Bolsonaro tende a assumir o arquétipo do *trickster* ou do *bobo da corte* em seus discursos, especialmente em ambientes rodeados de apoiadores, como é o caso dos discursos aqui analisados. Essa postura permite que suas falas sejam aceitas como piadas ou brincadeiras, mesmo quando tratam de temas controversos ou ofensivos.

Os discursos analisados podem ser divididos em dois grupos, aqueles que têm como alvo mulheres e os que são dirigidos a outros homens. Por mais que sejam focados em figuras diferentes, todos apresentam o mesmo objetivo: reafirmar a virilidade do homem através do rebaixamento do outro. Com base nos critérios apresentados na introdução chegamos ao seguinte corpus de pesquisa (Tabela 1):

1	Bolsonaro: "Meu salário bruto de presidente, não tô reclamando não tá, é R\$ 33 mil. Não tô reclamando, não. Tenho tudo de graça. Não gasto quase nada do meu salário. Quem gasta é a mulher. Inclusive, todo dia quando levanto ela me pede R\$ 5 mil". Apoiador: "Para o que ela quer 5 mil?" Bolsonaro: "Não sei. Nunca dei...Como ela falava muito alto comigo em casa, eu falei: tu vai aprender Libras. Aí ela aprendeu Libras".
2	Bolsonaro: "Ela [repórter Patrícia Campos Mello] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim".
3	Bolsonaro: "Uma notícia boa para as mulheres, né. Se bem que notícia boa para as mulheres é beijinho, rosas, presentes, férias. É isso mesmo? Isso que vocês gostam? Eu também gosto".
4	Bolsonaro: "Agora eu virei boiola igual maranhense, é isso? Olha o guaraná cor de rosa do Maranhão. Quem toma esse guaraná vira maranhense".
5	Bolsonaro: "Cuidado, ivermectina mata bichas, hein? Toma cuidado"
6	Bolsonaro: "Eu tenho certeza que vai tomar...Tu não me engana!"

Tabela 1 – Corpus de pesquisa

No primeiro discurso, Bolsonaro promove estereótipos de gênero de papéis masculinos e femininos. Ao afirmar que "quem gasta é a mulher", ele reforça o estereótipo da mulher como consumidora excessiva, amplamente divulgado pela mídia (GALARÇA; FREITAS, 2014). Ele também se retrata como um homem prático e controlado que não se entrega ao consumo excessivo ao dizer que "mal gasto do meu salário". Além disso, quando Bolsonaro afirma que o dinheiro gasto por sua esposa Michele vem do seu trabalho, ele reforça o estereótipo dos homens como provedores de suas famílias. Historicamente, a gestão e a produção de riqueza foram atribuídas aos homens, enquanto as mulheres foram relegadas à posição de cuidadoras do lar (BONFIM, 2021). De acordo com Davis (2016), a imagem de homens oposta à de mulheres como donas de casa serve como um sistema de dominação e controle sobre as mulheres, promovendo o estereótipo de mulheres focadas nas tarefas domésticas e, portanto, impedindo sua ascensão social e participação no espaço público

Bolsonaro também reforça a construção da mulher tagarela ao afirmar que Michele falava alto em casa, o que recupera o estereótipo de que mulheres seriam "naturalmente" mais falantes do que homens (ZRIBEL, 2008). Sousa e Figueira (2017) apontam que tal construção imagética também carrega consigo a ideia de que ao falarem demais, elas levam ao limite a paciência do interlocutor masculino, o que justificaria a violência que elas possam a vir sofrer. Tais ideias são apresentadas

quando Bolsonaro afirma que ele mandou Michele aprender Libras, implicando que ela poderia "falar" o quanto quiser sem o incomodar.

Tanto a construção da mulher consumista quanto da mulher faladeira tem como base a noção de que elas apresentariam um descontrole emocional e comportamento obsessivo/histérico (LOPES, 2004), que como Barrett e Bliss-Moreau (2009) atestaram, tendem a serem vistas como características intrínsecas a personalidade feminina. Logo, ao naturalizar o comportamento feminino a partir de uma lógica biológica, esse tipo de discurso reforça as estruturas de dominação existentes.

No que se refere ao discurso 2, Bolsonaro utilizou um trocadilho com conotações sexuais para desqualificar a repórter Patrícia Campos Mello e questionar sua capacidade como jornalista. Essa estratégia é comum ao machismo, que utiliza a sexualidade para reduzir a condição feminina e desqualificar a mulher em qualquer segmento. Essa prática já foi observada no impeachment de Dilma Rousseff, quando os insultos dirigidos a ela não diziam respeito ao seu governo, mas sim à sua vida sexual. A estratégia de Bolsonaro tem como objetivo atribuir uma conduta sexual inadequada à Mello e colocar em dúvida sua integridade moral como jornalista. (SILVA; ROSADO, 2020; BONFIM, 2020). Ambos os discursos apresentam expressões de sexismo hostil, colocando as mulheres em posições inferiores, demonstrando intolerância em relação ao seu papel como figura de decisão e poder, avaliando-as com base em um padrão moral tradicional que as situa como responsáveis pelo lar (FORMIGA, 2004). Nos dois casos, é perceptível o teor paternalista e competitivo nas falas de Bolsonaro, apresentando a mulher como uma figura incapaz, cabendo ao homem ajudá-la e assumir posições de poder.

Em contrapartida, o discurso 3 apresenta um tipo de sexismo benévolo, que consiste em "uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil" (FORMIGA, 2004, P. 77). Isso é feito através da associação da figura feminina com termos como "beijinho", "rosas", "presentes" e "férias", que são usados em referência a um suposto romantismo frequentemente associado às mulheres (SANTOS et al., 2014). Essa construção reforça a crença de que a identidade sexual da mulher é

definida pela sensibilidade (FORMIGA, 2004). Além disso, o discurso 3 apresenta semelhanças com os pensamentos presentes no discurso 1. Como mencionado anteriormente, Bolsonaro baseia sua fala na ideia de que as mulheres são alvo de violência devido a um comportamento desviante do esperado dentro de uma lógica viril e machista. A partir dessa perspectiva, o feminicídio não seria uma reafirmação da própria virilidade, como explicado por Albuquerque Júnior (2010), mas uma reação natural do homem diante de uma situação provocada pela própria mulher, fazendo com que ela deixe de ser a vítima e passe a ser culpabilizada pela própria fatalidade.

Os discursos 4, 5 e 6 abordam a questão da virilidade, porém, em vez de serem dirigidos às mulheres, são direcionados a figuras masculinas. Como mostrado por Yukawa da Silva (2020), o processo de criação do que seria o homem ideal consistiu em uma autoafirmação constante dos atributos ligados à sua virilidade, e uma forma eficiente de se fazer isso era subjugar a sexualidade dos outros. O discurso 4 faz isso a partir de forma homofóbica, utilizando o termo "boiola" com conotação pejorativa para se referir a homossexuais. A associação entre homossexualidade e a cor rosa se dá desde a década de 1980, quando grupos conservadores associaram essa cor à feminilidade numa tentativa de reafirmar valores que foram questionados pelos movimentos feministas, conforme descrito por Paoletti (2012). Embora essa associação entre cor e gênero seja considerada antiquada e questionável, Baliscei (2020) afirma que essa ideia "encontrou apoio em grupos que buscam resgatar e conservar uma concepção mais tradicional dos papéis desempenhados por meninos e meninas" (p. 224). Dessa forma, a interpretação da fala é que os homens que bebem Guaraná Jesus seriam homossexuais, pois consomem algo que, nessa lógica viril, seria destinado exclusivamente para mulheres, devido à sua cor. Este discurso também pode ser classificado como xenófobo, pois expressa "o preconceito contra pessoas de outro lugar, mas não de qualquer lugar, do lugar julgado 'pior' por mim ou pelo meu grupo social". (RAMOS, 2021). É importante lembrar que Bolsonaro nasceu, cresceu e fez sua carreira política no sudeste do Brasil, região em que há uma visão negativa do Nordeste (MACEDO REGO, 2018). Logo, ao associar a

homossexualidade, algo que considera como negativo, aos maranhenses, Bolsonaro instiga a discriminação contra os nordestinos⁴.

O discurso 5 de Bolsonaro apresenta uma estratégia de autoafirmação de sua virilidade por meio do uso da ivermectina, como aponta Rohm e Pompeu (2014). A palavra "bicho" é comumente utilizada para se referir a parasitas tratáveis com essa medicação. Já a palavra "bicha", que é o feminino de "bicho", possui uma conotação pejorativa associada a traços afeminados, o que indica uma tentativa de fazer um trocadilho questionando a sexualidade do interlocutor. Essa estratégia de usar a homofobia como afirmação de virilidade é vista como um instrumento de controle social pelo grupo dominante, que rejeita modos de ser vistos como impróprios, como observado por Rohm e Pompeu (2014, p. 351).

Em relação ao discurso 6, ele apresenta duas leituras possíveis, mas que convergem para a mesma tentativa de afirmação de sua virilidade através da subjugação da sexualidade dos outros. A piada de Bolsonaro foi uma reação à resposta do apresentador Igor Coelho, do Flow Podcast, que afirmou que tomaria a vacina contra a varíola dos macacos. A primeira interpretação para essa fala remete ao fato de que uma das características atribuídas ao homem viril é a coragem, pois esse não teria medo de morrer ou de lutar por uma causa (NASCIMENTO, 2021). Seguindo essa linha de raciocínio, é possível chegar à seguinte leitura: aqueles que se vacinam, teriam medo de morrer, portanto não seriam homens de "verdade". Não é absurdo pensar nessa possibilidade quando levamos em conta que durante a pandemia do Covid-19, Bolsonaro afirmou que o Brasil tinha que "deixar de ser um

4 O discurso 13 não é a única demonstração de preconceito de Bolsonaro com nordestino, por exemplo, após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, ele afirmou que ter perdido nos Estados do nordeste era resultado do analfabetismo e falta de cultura da população da região. Paralelamente, na mesma época, apoiadores de Bolsonaro nas redes sociais passaram a publicar xenofóbicas contra o Nordeste. É plausível assumir que tanto o comportamento discriminatório de Bolsonaro contra o nordestino ao longo dos seus anos como presidente tenham alimentado o preconceito já existente que se materializa através das manifestação de seus eleitores nas redes sociais. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/10/05/nordeste-e-alvo-de-xenofobia-nas-redes-apos-resultado-do-1-turno.htm>

país de maricas" e deveria enfrentar a pandemia de Covid-19 de "peito aberto"⁵, o que expressa de forma mais clara o mesmo pensamento presente no discurso 5.

A segunda leitura permite uma interpretação da fala de Bolsonaro como homofóbica, uma vez que a varíola do macaco não é transmitida através de relações sexuais, mas sim por contato direto com animais infectados ou por contato com fluidos corporais infectados, como sangue e saliva. Na época da entrevista ao podcast, a maioria dos casos relatados era de homens homossexuais e bissexuais, e o diretor regional da OMS na Europa, Hans Henri P. Kluge, afirmou que o surto era causado pela transmissão por "meio de redes sociais conectadas principalmente por meio de atividade sexual, envolvendo principalmente homens que fazem sexo com homens"⁶. Essa associação entre a varíola do macaco e homossexualidade pode ser vista como uma forma de estigmatização dessa população e reforço de estereótipos negativos.

A fala de Kluge permite fazer um paralelo com o caso da AIDS. Na década de 1980, essa doença passou a fazer parte do imaginário público das pessoas quando grandes veículos da mídia internacional passaram a reportar a morte de jovens homossexuais masculinos devido a complicações médicas inexplicáveis, o que a levou a ser considerada como "câncer gay" (SOUSA; FERREIRA; SÁ, 2013). Os discursos em torno da AIDS foram construídos a partir da crença de que a doença era um castigo merecido àqueles que apresentam comportamentos divergentes, o que levou a um aumento da homofobia (SONTAG, 2007).

Com base nessas informações, é possível afirmar que durante a pandemia de AIDS foi estabelecido um modelo mental que associava doenças sexualmente transmissíveis à população LGBTQIA+. Na sua declaração, Bolsonaro reacendeu esse modelo mental ao fazer uma piada que sugere que apenas pessoas que apresentam um comportamento sexual que não se encaixa em um padrão heteronormativo de virilidade precisam se preocupar com a doença e, portanto, ele, um homem "de verdade", não precisa se preocupar em tomar a vacina contra a varíola

5 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

6 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-por-que-a-variola-dos-macacos-tem-afetado-principalmente-homossexuais-e-bissexuais/>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

dos macacos. Essa fala reforça a ideia de que o comportamento sexual divergente seria a causa de doenças e, conseqüentemente, mantém a associação entre doenças sexualmente transmissíveis e a população LGBTQIA+.

Há uma leitura subjacente que permeia todos esses discursos: os membros desses grupos minoritários não são agentes sociais competentes e são incapazes de atuar de maneira eficiente na esfera pública, e, portanto, suas opiniões devem ser desconsideradas e suas necessidades administradas por outros. A consequência disso é que o teor misógeno e homofóbico das piadas de Bolsonaro não está apenas no plano discursivo, mas também contribui para a construção dos sentidos sociais sobre esses grupos, de tal modo que eles passam a ser naturalizados e reproduzidos pela população (BUTLER, 2009). O fato de Bolsonaro declarar publicamente discursos de ódio contra mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+ pode ser compreendido como um dos fatores que contribuíram para o aumento dos casos de violência contra essas pessoas nos últimos anos⁷, segundo Da Silva (2020), "a propagação de mensagens e postagens com conteúdos que incitam e fortalecem o desprezo contra as minorias gera violência e discursos agressivos" (p. 29).

No entanto, as piadas que exaltam a virilidade não geram somente violência, elas também possuem conseqüências negativas para os próprios homens. O modelo de masculinidade ideal presente nessas piadas pode influenciar diretamente a saúde masculina. De acordo com o relatório "*Masculinidades y salud en la región de las Américas*", os homens na região latina possuem uma expectativa de vida cerca de 5,8 anos menor em comparação com as mulheres, sendo que a principal causa de mortalidade masculina é externa, seja por acidentes violentos, uso excessivo de drogas, entre outras. Bonfim (2019) e Brito (2022) afirmam que essa expectativa de invulnerabilidade masculina presente no padrão de virilidade pode levar muitos homens a rejeitarem práticas preventivas de saúde, contribuindo para esses índices

⁷ Como os dados apresentados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, houve um crescimento dos casos motivados por homofobia nos anos de governo Bolsonaro. Nesse mesmo período, a taxa de feminicídio caiu, porém registrou-se um aumento em outros tipos de violência contra mulheres. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>. Acesso em 13 de mar. de 2023.

alarmantes. Dessa forma, quando Bolsonaro reforça esse estereótipo de "macho", ele naturaliza e legitima esse modelo comportamental que pode ser fatal para muitos homens.

Além disso, a nomeação da pastora evangélica Damares Alves como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante o governo Bolsonaro é vista como uma medida preocupante. Cunha (2020) argumenta que Damares atuou para impor modelos de conduta para homens e mulheres que correspondam aos valores conservadores que ela defende. Durante o período em que esteve à frente do Ministério, Damares se aliou a grupos que defendiam a reintrodução de tratamentos de reorientação sexual ou de conversão de gênero, o que coloca as sexualidades não heteronormativas como uma doença mental (CUNHA, 2020). Tal alinhamento político é coerente com as declarações de Bolsonaro, que frequentemente associa a homossexualidade a um desvio comportamental.

O governo Bolsonaro também desmontou políticas voltadas para a população feminina e propôs 94% menos recursos para o combate à violência contra a mulher. De acordo com o Boletim de Políticas Sociais do Ipea, o governo buscou uma "nova política para as mulheres", baseada em uma moralidade religiosa e valores tradicionais de gênero. Além disso, a flexibilização da posse de armas de fogo é uma ação que expressa a busca por um ideal de virilidade, reforçando estereótipos masculinos e incentivando a violência. Segundo Santos (2012), a narrativa da legítima defesa utilizada pelos defensores da pauta armamentista está ligada à construção social de que é responsabilidade do homem proteger os mais fracos, mas também a uma fetichização do discurso bélico como solução para seus problemas, sejam reais ou imaginários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humor é um fenômeno cultural e socialmente construído, com significados que variam de acordo com o contexto e as referências culturais compartilhadas por um determinado grupo. As piadas e brincadeiras, portanto, não devem ser vistas como algo meramente superficial ou banal, mas sim como expressões de valores, crenças e normas que permeiam uma determinada sociedade.

Com base na análise apresentada ao longo deste trabalho, observamos que Bolsonaro busca tratar pautas sociais a partir de uma perspectiva ofensiva com um tom irônico e jocoso. No entanto, essa estratégia de comunicação pode ter consequências graves, já que suas falas podem ser interpretadas por seus apoiadores como algo engraçado e inofensivo, enquanto outras pessoas podem se sentir profundamente ofendidas e desrespeitadas. Mas o objetivo por trás das suas falas humorísticas não é só divertir a parcela da população que o apoia. Ao retratar de forma depreciativa mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+, Bolsonaro perpetua preconceitos e discriminações, ao mesmo tempo que busca reforçar estereótipos masculinos de virilidade e incentivar a violência, contribuindo para a manutenção de uma cultura patriarcal que perpetua desigualdades de gênero e violações de direitos.

Em suma, a análise das formas de humor utilizadas pelas culturas reacionárias que se escondem através da cultura do politicamente incorreto, como o caso de Bolsonaro no Brasil, é essencial para compreendermos as dinâmicas políticas contemporâneas. É importante reconhecer o papel do humor na ascensão de movimentos políticos de extrema direita, especialmente quando ele é utilizado para disseminar discursos de ódio e intolerância. A falta de estudos sobre esse tema pode levar a diagnósticos incompletos e à subestimação da capacidade de mobilização desses movimentos, uma vez que por muitos anos, as falas “engraçadas” de Bolsonaro eram vistas só como parte de seu personagem folclórico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças.** In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (org.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares.* Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no século XXI.** 2ªed. Rio de Janeiro: Record.

BALISCEI, João Paulo. **Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero.** Revista Teias. v. 21, ago. 2020, p. 223-244.

BARRETT, L. F., & BLISS-MOREAU, E. (2009). **She's emotional. He's having a bad day: Attributional explanations for emotion stereotypes.** *Emotion*, 9(5), 649–658.

BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução e notas: Maria Adriana Camargo Cappello. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2018.

BENNETT, W. L. **When politics becomes play**. Political Behavior, 1(4), 1979.

BILLIG, Michael. (2001). **Humour and Hatred: The Racist Jokes of the Ku Klux Klan**. *Discourse & Society - DISCOURSE SOCIETY*. 12. 267-289. 10.1177/0957926501012003001.

BONFIM, F. G. (2021). **Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise**. *Revista Periódicus*, 1(13), 09–24.

BRITO, Leandro Teofilo de. **"ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE": QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA**. *Revista Docência e Cibercultura*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 150-162, abr. 2022. ISSN 2594-9004.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Síntesis, 2009.

CAPELOTTI, João Paulo. **O humor e os limites da liberdade de expressão: teoria e jurisprudência**. – São Paulo: Editora Dialética, 2022.

CHOI, J. M.; MURPHY, J. **The Politics and Philosophy of Political Correctness**. 1. ed. Santa Barbara, CA: Praeger. 1992.

COURTINE, J.-J. **Impossível virilidade**. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (org.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 7-12

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. **"A Antipolítica De Gênero No Governo Bolsonaro E Suas Dinâmicas De Violência"**. *Revista De Estudios Brasileños* 7, no. 14 (2020).

DA SILVA, Rannyyelle Andrade. **Discurso de ódio e o fortalecimento da violência dentro e fora das redes sociais**. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero, no Grupo Temático: Construções Linguísticas e Resistência: A língua como espaço político, no período de 06 à 08 de Setembro de 2019.

DAVIS, A. **Mulher, raça e classe**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, JOÃO. **Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira**. *Teoria e Cultura - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais*. v. 13, n. 2, 2018

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Tradução: Alessandra Bonruquer. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FIGUEIREDO, C. **Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade**. *Comunicação & Sociedade*, v. 33, n. 57, p. 171-198, jan./jun. 2012.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FORMIGA, N. S. **As bases normativas do sexismo ambivalente: a sutileza do preconceito frente às mulheres à luz dos valores humanos básicos**. In: _____. MARCUS E. O. et al. (Org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: UFBA, 2004. p. 259-276.

FREITAS, Ernani Cesar de, ANTUNES, Fernando Simões e BOAVENTURA, Luis Henrique. **O rei e o bobo da corte: cenografia, [e]those arquétipos no discurso presidencial.** Galáxia (São Paulo) [online]. 2022, v. 47.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente.** Tradução: Fernando Costa Mattos, Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GALARÇA, Sando Lauri; FREITAS, Maria Lima de. **À vista ou no cartão? A imagem da mulher consumista nas matérias econômicas em revistas feminina.** Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, PR, 2014.

GAZALÉ, O. **Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade.** [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 mar. 2019.

GRUDA, Mateus Pranzetti. **O controverso discurso do politicamente correto: algumas considerações e desdobramentos.** Revista Brasileira de Psicologia, 01(02), Salvador, Bahia, 2014.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil.** Tradução: Rosina Angina. 1ª ed. Martin Claret. 2014.

JENKS, C. (2003) **Transgression.** London: Routledge.

LAGO, Miguel. **Bolsonaro fala outra língua.** piauí, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua>.

LEGMAN, Gershon. **No Laughing Matter: Rational of the Dirty Joke.** New York: Bell, 1971.

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018

LOPES, F. T. **"Mujeres Alteradas": uma análise discursiva das identidades sociais de gênero.** Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 5, n. 11, 2004.

MANSBRIDGE, Jane; MACEDO, Stephen. **Populism and Democratic Theory.** Annual Review of Law and Social Science. Vol. 15, 2019, pp. 59–77.

MEYER, John C. (2000) **"Humor as a Double-Edge Sword: Four functions of humor in communication"** in Communication Theory, 3: 310-331

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

NAMISE, D. K. **Dos mitos ao "mito": um estudo sobre o conceito de mito político na era da comunicação digital a partir da campanha presidencial de Jair Bolsonaro.** Dissertação (Graduação em bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná. 2019.

NASCIMENTO, M. **Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades.** In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). De guri a cabramacho: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 16-25.

NASCIMENTO, Myllena Araújo do. **Acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio.** Dissertação de Mestrado apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. João Pessoa, 2022.

NORRIS, Pippa and INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash**. Trump, Brexit and Authoritarian Populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019

OLIVERIA, Bruna Silveira de; MAIA, Rousiley Celi Moreira. **Disputas acerca do politicamente correto no período eleitoral de 2018 A negação de conflitos identitários**. E-Compós, 25, 2022. <https://doi.org/10.30962/ec.2292>

PAOLETTI, Jo B. **Pink and Blue telling the boys from the girls in America**. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

PINTO, Rodrigo Hayasi. **Ressentimento e esquecimento em Nietzsche**. Kínesis, Revista de Estudos dos Pós-Graduados em Filosofia. Marília..v. 11 n. 26 (2019): Edição Especial - Ética e Filosofia Política.

ROHM, R. H. D.; POMPEU, S. L. E. **A homofobia como valor determinante nas práticas discriminatórias para a produção de subjetividades**. Psicologia Política, v. 14, n. 30, p. 347-365, 2014.

ROMANO, Aja. **How the alt-right uses internet-trolling to confuse you into dismissing its ideology**. Vox, 11 de jan. de 2017.

SANTANA, Gabriel, LEAL, Maria Virgínia. **Análise do discurso politicamente incorreto na atual mídia humorística televisiva brasileira: o caso de entrevistas feitas por Danilo Gentili**. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2019.

SANTOS, Rita. **"Cidadãos de bem" com armas: Representações sexuadas de violência armada, (in)segurança e legítima defesa no Brasil**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 96 | 2012.

SARGENTINI, V. M. O.; CHIARI, G. **Mentirosos, corruptos e comunistas! As Fake News e o politicamente incorreto**. Discurso & Sociedad, on-line, v. 13, n. 3, p. 449-467, 2019.

SILVA, Marluce Pereira da; ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **"O FURO A QUALQUER PREÇO": PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PODER E RESISTÊNCIA ANTE ATITUDES MACHISTAS EM CENÁRIO DE DEMOCRACIA FRÁGIL**. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2020, v. 59, n. 3, pp. 2050-2070.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Editora de Bolso, 2007.

SOUSA, B. B. de; FIGUEIRA, M. D. **A Representação da Mulher em Textos Humorísticos: uma análise do gênero piada à luz da pragmática**. PERcursos Linguísticos, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 92-106, 2017.

SOUSA, Patricia Juliana de, FERREIRA, Luiz Oscar Cardoso e SÁ, Janilson Barros de. **Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2013, v. 18, n. 8, pp. 2239-2251.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto. 2018.

VIVEIROS, D. C. S. **O discurso do politicamente correto "custe o que custar" (CQC)?**. Trabalho apresentado no IV Congresso ibero-americano de política e administração da educação / VII Congresso luso brasileiro de política e administração da educação. Porto, 14 a 16 de abril de 2014 - Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

VOKS, Douglas Josiel. **Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira.** Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro) [online]. 2021, n. 3.

WEAVER, S. **Jokes, rhetoric and embodied racism: a rhetorical discourse analysis of the logics of racist jokes on the internet.** Ethnicities, 11(4), 2011.

WOLFF, H. A.; SMITH, C. E.; MURRAY, H. A. **The Psychology of Humor: a Study of Responses to Race-Disparagement Jokes.** Journal of Abnormal and Social Psychology, v. 28, p. 341-365, 1934.

YUKAWA DA SILVA, Morgan. **Hospitalidade x Hostilidade: Os japoneses e seus descendentes no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnológica em Hotelaria) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2020.

ZIRBEL, Ilze. **A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro: das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2007.